



**Assembléia Geral**, de José Acioli, é um dos concorrentes de hoje

# A universidade nua em “Assembléia Geral”

**Assembléia Geral**, de José Acioli (superoitto/competição), **De Sol a Sol**, de Pedro Jorge de Castro (filme brasileiro/competição), 295,5, de Lourival Belém e **Areia, Cajuzinho e Alfenin**, de José Petritto (mostra) são as fitas a serem exibidas, na sessão de hoje, a partir das 20:30 horas, na Cultura Inglesa, pelo II Festival do Filme Brasileiro. O filme de José Acioli surgiu a partir do momento em que assistia a uma assembléia geral na UnB e teve a idéia de filmá-la. Na época, tinha um objetivo muito vago e quando tentou mostrar o filme é que sentiu uma dificuldade maior em apresentar algo claro. “Eu não conseguia mostrar os reais motivos que estavam por trás daquele movimento. Nesta época comecei a pensar realmente no que significava um documentário cinematográfico. O documentário tradicional não consegue mostrar a

realidade porque não consegue penetrar na intimidade das coisas”.

Este impasse, levou o autor de **Cruviana** — ganhador do último Festival do Filme Brasileiro — a busca de um caminho diferente da linha tradicional do documentário: “A minha conclusão foi a de que para se fazer documentário, quer dizer para documentar, é preciso fazer ficção, é preciso trabalhar com a ficção. E preciso interpretar: toda realidade é obtida através da interpretação”. A partir daí, José Acioli se reuniu com um grupo de cineastas jovens e começou a preparar um roteiro, com muita pesquisa sobre a história da universidade, protagonizada por um personagem central: um médico chelo de ideais e seu progressivo desampontamento com os rumos tomados pela UnB: “No projeto original a universidade seria um espaço de interação entre

todos os segmentos da sociedade brasileira. Isto foi completamente afastado. As contradições vão se acumulando até 1982, quando estoura a greve”.

Acioli tenta fazer uma análise das administrações da universidade, a influência dos governos sobre a instituição, a prática do carreirismo acadêmico. A partir da greve praticamente só existe documentário: “Eu acho que é preciso correr o risco. E preciso desprendimento para se criar o novo. Algumas pessoas alegam que esta fusão de documentário e ficção provoca a perda de seriedade. Eu não acho. E dou um exemplo: quando você chega em uma comunidade e vai captar a intimidade de indivíduos a presença da câmera é uma perturbação. Esta realidade se altera. Antes de tudo, é preciso assumir a interpretação”.